

# Freud: Totem e Tabu

Jonas Fernandes Costa

Freud nasceu em Freiberg, porém foi um homem muito viajado, sua formação foi feita na Universidade de Viena onde se dedicou a medicina.

Sua obra foi muito vasta e rica e mudou toda uma visão das ciências humanas em geral, porém neste trabalho nos delimitaremos ao seu famoso “Totem e Tabu” (1), onde o criador da psicanálise trata, entre outros temas, da origem da moralidade da religião, além de nesta obra estar contida o famoso mito da horda primitiva.

Freud começa seu Totem e Tabu, fazendo uma análise sobre o incesto e se perguntando por que em quase todos os lugares em que encontramos totens, encontramos também tabus contra relações sexuais entre pessoas do mesmo totem? Dessa questão Freud começa a fazer uma relação entre o totemismo e a exogamia.

O autor em questão recorre a inúmeros exemplos da Antropologia e Etnografia, para comprovar que o totemismo e a exogamia caminham juntos. E mais tarde o criador da psicanálise tentará provar que ambos possuem a mesma origem.

Na primeira parte do livro o autor, baseado em exemplos etnográficos, levanta algumas questões que só responderá no fim da obra. A resposta de Freud para a questão: Como surgiram a moralidade e a religião? É até hoje vista como “louca” por alguns, porém não vejo dessa maneira. A conclusão do livro, em minha opinião, é de um brilhantismo que só um gênio como Freud seria capaz de fazê-lo. Poderíamos até dizer que seu imaginário voou longe, chegando aos tempos mais primitivos da humanidade, o que com certeza o método cartesiano jamais seria capaz de abarcar.

Freud, nesta obra enumera várias funções dos tabus assim como do totem, porém o que nos interessa é a viagem mítica que faz o criador da psicanálise.

Um dos principais objetivos de nosso autor é desvendar o inconsciente dos homens, em uma de suas passagens diz que “Um impulso inconsciente não precisa ter surgido no ponto em que faz seu aparecimento; pode surgir de uma outra região completamente diferente e haver aplicado originalmente a outras pessoas e conexões completamente diferentes; pode ter atingido o local em que chama nossa atenção através do mecanismo do deslocamento. Além disso, devido a indestrutibilidade e insusceptibilidade á correção que constituem atributos dos processos inconsciente, pode ter sobrevivido desde épocas bem anteriores, nas quais era apropriado, até épocas e circunstâncias posteriores, mas nas quais suas manifestações estão destinadas a parecer estranhas” (2). Eis ai uma grande pista que Freud deu, de quão polêmica seria sua conclusão.

Também se debruça Freud, na obra referida, ao animismo, magia e a onipotência de pensamentos. O animismo é a doutrina de almas ou de seres espirituais, porém não é ainda uma religião, mas contém os fundamentos sobre os quais as religiões posteriormente foram criadas; a magia entra nesta discussão como algo que despreza os espíritos e faz uso de procedimentos especiais e não dos métodos psicológicos do dia a dia.

O sentimento de onipotência de pensamentos cujos homens primitivos acreditavam e pautavam suas vidas (devido ser em grande parte sexualizado), apenas existe na Civilização no campo da arte.

Depois dessa breve pincelada, podemos voltar ao tema que mais nos intrigou, pela viagem mítica que foi feita.

Freud relata um tempo muito antigo onde os homens viviam em pequenos grupos. O pai, o mais forte de um determinado grupo, tinha através da força, o monopólio das mulheres, e quando os filhos atingiam certa idade eram expulsos do clã pelo pai.

Certo dia, os irmãos que haviam sido expulsos retornaram juntos, mataram e devoraram o pai, colocando um fim a horda patriarcal. Pelo ato de devorá-lo realizaram a identificação com o pai, cada um adquirindo parte de sua força. Depois de matá-lo os filhos ficaram com um imenso sentimento de culpa, pois ao mesmo tempo em que odiavam o pai eles o admiravam.

As refeições totêmicas, que segundo Freud é o mais antigo festival da humanidade, seria uma repetição e comemoração desse ato memorável e criminoso, que foi o começo de tantas coisas como, por exemplo, a organização social, as restrições morais e a religião. “O pai morto tornou-se mais forte do que fora vivo” (3).

Percebemos que, as duas interdições ditas totêmicas (não matar o totem, não ter relações sexuais com um parceiro que pertença ao mesmo totem) correspondem as interdições do Édipo. Freud tentou dar-lhe um fundamento histórico ou pré-histórico, imaginou um mito, no qual decorreu uma nova organização social fundada na culpa.

Acreditamos não haver razão por que atacar ou defender Freud no plano dos conhecimentos positivos. É a transgressão original – mítica ou não – a imagem indutora de culpa do pai morto – aquele homem dos ratos – que as construções de Totem e Tabu tentam estabelecer.

Agora pretendemos fazer uma análise, até certo ponto, metodológica e epistemológica sobre a obra referida.

A concepção clássica de ciência que o iluminismo trouxe, propunha a ruptura com os mitos e a implantação do racionalismo e do experimentalismo como instrumentos essenciais para se produzir o conhecimento científico, talvez Bacon e Descartes sejam os maiores expoentes dessa premissa.

Segundo Girardet, o estudo puramente lógico-racional não é capaz de captar todos os determinantes de um objeto mitológico (4). Os mitos são objetos altamente imprecisos e ambivalentes, então como utilizar nesses casos o método, por exemplo, cartesiano de enumerações e divisões? Certamente tal análise não seria capaz se abranger todos os pontos difusos e incoerentes que possui o mito.

Nesse sentido, Freud em seu Totem e Tabu fez um verdadeiro “delírio mitológico”. Apesar de toda coerência lógica que essa obra possui, Freud viajou pelos limites do imaginário, captando determinantes que o raciocínio puramente lógico racional não seria capaz de fazê-lo. E para finalizar utilizarei uma citação do próprio pai da psicanálise:

*“Eu mesmo custo a acreditar, ter como Schliemann, desenterrado uma outra Tróia, que se*

*supunha mítica” (5).*

Notas:

1 – FREUD, S. *Totem e Tabu*. São Paulo, Imago, 1974.

2 – FREUD, S. ob. cit., p. 87.

3 – FREUD, S. ob. cit., p. 165.

4 – GIRARDET, R. *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo, Schwarz, 1987.

5 – MANNONI, O. *Freud: Uma Biografia Ilustrada*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993, p. 5.

**Jonas Fernandes Costa**  
Graduado em Ciências Sociais/UFG  
Mestre em Sociologia/UFG.